

*Artigos Originais***EVASÃO DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO: CAUSAS INTRAESCOLARES
SEGUNDO OS EVADIDOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA***Original Articles***HIGH SCHOOL YOUTH EVASION: INTRASCHOOL CAUSES ACCORDING TO
DROPOUTS OF A PUBLIC SCHOOL**

Carine Saraiva Diniz*

<http://lattes.cnpq.br/2056222576181461>carinediniz@ig.com.br

Adilene Gonçalves Quaresma**

<http://lattes.cnpq.br/1823121033328241>adilene.quaresma@prof.una.br

CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ., Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 -
está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)    

RESUMO

Este artigo é oriundo da pesquisa “Evasão Escolar no Ensino Médio: causas intraescolares na visão dos alunos”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário UNA¹. Discute-se as causas intraescolares da evasão no Ensino Médio, sob a perspectiva do aluno evadido. O objetivo foi identificar os fatores que influenciam na decisão do aluno em evadir-se. A metodologia incorporou a abordagem qualitativa descritiva, utilizando-se como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas com onze alunos evadidos. Os principais resultados apurados apontam que o Ensino Médio deve garantir as aprendizagens necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos, atitudes, práticas sociais e de trabalho, mas revelam também que estas características estão distantes da realidade dos jovens das escolas públicas brasileiras. Em decorrência disso, os índices de evasão escolar são alarmantes. Revelam ainda a necessidade de um ensino inovador, diversificado, motivador e que seja capaz de dar significado entre o que é apreendido na escola e o cotidiano à sua volta. Constataram-se também a necessidade de a escola valorizar a sociabilidade das relações entre os jovens, por representar uma prática social importante e que pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. Conclui-se que a evasão limita o jovem em seus direitos e

* Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Social pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

** Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local e no curso de Pedagogia do Centro Universitário UNA

¹ Projeto de Pesquisa aprovado pelo Conselho de Ética na Pesquisa do Centro Universitário Una sob o número 1.068.987, em 19/05/2015.

no exercício da cidadania, além de acarretar outros problemas graves e que, portanto, requerem atenção e soluções urgentes.

Palavras-chave: ensino médio. evasão escolar. causas intraescolares. juventude.

ABSTRACT

This article derives from the research "Dropouts in high school: intraschool causes from the view of the students," developed in the Postgraduation Program in Social Education and Local Development Management of the *Centro Universitário Una*². The intraschool causes of dropouts in high school, from the perspective of evaded students were argued. The goal was to identify the factors that influence the decision of the student to evade. The methodology incorporated the qualitative descriptive approach, using as a data collection tool semi-structured interviews with eleven dropout students. The main results obtained show that the high school should ensure the necessary apprenticeships to develop knowledge, attitudes, social and work practices, but also reveal that these features are far from the reality of young people in Brazilian public schools. As a result, the dropout rates are alarming. They also reveal the need for an innovative, diversified, motivating teaching which is capable of giving meaning between what is learned in school and everyday surroundings. It was also noted the need for a school that enhance the sociability of relations among young people, once it represents an important social practice and can contribute to improve the quality of education. It was concluded that evasion limits the young in their rights and exercise of their citizenship, entailing other serious problems and therefore require urgent attention and solutions.

Keywords: high school. dropout. intraschool causes. youth.

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo tem sido marcado por mudanças cada vez mais rápidas, exigentes e de grande amplitude, causando impactos inéditos na esfera educacional. Existe, hoje, uma busca crescente por mais escolaridade e novos conhecimentos são exigidos, constituindo um desafio para a escola.

Dentre esses desafios, está a evasão escolar que, apesar de acontecer em todas as etapas da educação básica, é no Ensino Médio que atinge os índices mais elevados, acompanhados de grande desmotivação, desinteresse e até certo menosprezo dos alunos, priorizando, principalmente, outros cursos e o trabalho.

Identificar as causas da evasão escolar é extremamente difícil, pois este fenômeno é influenciado por vários fatores. As pesquisas sobre essa temática apontam duas vertentes para as causas da evasão no Ensino Médio: uma

² Research Project approved by the Conselho de Ética na Pesquisa of the Centro Universitário Una under the number 1.068.987, in 05/19/2015.

relacionada aos fatores extraescolares e outra relacionada aos fatores intraescolares. Estes últimos constituem o objeto de estudo dessa pesquisa.

Este artigo resulta da pesquisa realizada no Programa de mestrado profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, do Centro Universitário UNA, intitulada “Evasão no Ensino Médio: causas intraescolares na visão dos alunos”. Analisa-se a evasão escolar com base em revisão bibliográfica, apresentando alguns dados que evidenciam a alarmante situação do Ensino Médio público no Brasil. Faz-se também uma análise dos possíveis fatores intraescolares que influenciam na decisão do jovem em evadir-se da escola. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas direcionadas a onze jovens que abandonaram o Ensino Médio de uma escola da rede estadual do Município de Betim, Minas Gerais, nos anos de 2012, 2013 e 2014. Esta foi escolhida por apresentar elevados índices de evasão e por ser a escola na qual a pesquisadora leciona no turno da manhã, sendo, portanto, onde surgiu a inquietação da mesma sobre o tema, o que a motivou para a pesquisa. Além disso, são apresentados alguns dados que evidenciam a alarmante situação do Ensino Médio público no Brasil.

O trabalho realizado teve como objetivo de pesquisa investigar os fatores intraescolares que motivaram os jovens a abandonar o Ensino Médio, segundo a perspectiva dos próprios alunos, a fim de, conhecendo tais fatores, buscar meios que possam reduzir a evasão escolar a partir das causas apontadas pelos jovens.

Evitar a evasão torna-se fundamental para o jovem, pois além de a educação ser um direito, o ensino pode levá-lo a superar as barreiras das desigualdades e formar cidadãos autônomos, com melhores chances de inserção no mercado de trabalho, minimizando os efeitos das desigualdades.

DISCUSSÃO TEÓRICA

A palavra evadir significa deixar de frequentar as aulas, caracterizando o abandono da escola. Este abandono pode ser definitivo, quando o aluno não retorna à escola, ou temporário, quando o aluno abandona a escola num ano, mas volta a frequentá-la no ano seguinte.

Para Klein (2008), abandono e evasão possuem significados diferentes, embora com características semelhantes. Segundo ele, o abandono refere-se ao aluno matriculado que deixa de frequentar a escola durante o andamento do ano letivo, sem comunicação formal ou ter solicitado a transferência. Em contrapartida, a evasão ocorre quando o aluno matriculado em determinada série, em determinado ano letivo, não renova sua matrícula para o ano seguinte, independentemente se foi aprovado ou retido. Neste artigo, os termos evasão e/ou abandono serão analisados como tendo o mesmo sentido, pois os dados sobre evasão obtidos por meio do Ministério da Educação (MEC), não fazem tal distinção, bem como boa parte da bibliografia consultada.

A evasão escolar constitui-se um desafio ao ensino público porque, apesar de o número de matrículas na educação básica ter aumentado significativamente nos últimos anos, os índices de evasão e/ou abandono ainda são alarmantes, revelando que apenas a universalização do acesso não é suficiente. Embora também aconteça em outras etapas da Educação Básica, é no Ensino Médio³ que esse fato se agrava.

De maneira geral, a quantidade de alunos que conclui o Ensino Médio tem sido cada vez menor na maioria das escolas públicas estaduais (responsáveis pela oferta dessa etapa da educação básica). Isso sem contar o fato dos índices de reprovação terem aumentado e os resultados em avaliações externas serem baixíssimos.

De acordo com o relatório de desenvolvimento, divulgado em 2012 pelo Pnud⁴ (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), o Brasil apresenta a terceira maior taxa de evasão escolar entre 100 países que possuem o maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). A taxa de abandono escolar atingiu 24,3%. Ainda segundo esse órgão, 23,6% dos jovens entre 15 e 17 anos não estudavam. Cerca de 751.063 alunos abandonaram o Ensino Médio em 2012. Desse total, aproximadamente 391.932 alunos cursavam o 1º ano, ou seja, mais da metade do número de alunos que evadiram estavam no início do curso (BRASIL, 2012). Segundo dados do INEP (BRASIL, 2011) o índice nacional de evasão é maior na 1ª

³ A duração mínima prevista para o ensino médio é de 2.400 horas, distribuídas em 3 anos de 800 horas, composta de, no mínimo, 200 dias letivos.

⁴ Disponível em: http://issuu.com/pnudbrasil/docs/pnud_relato_anual_web?e=0/3980308. Acesso em 20/07/2014.

série do Ensino Médio. Já em 2014, cerca de 1.221.000 alunos abandonaram o ensino público. Destes, quase a metade, cerca de 614.200, cursava o Ensino Médio. Tais dados revelam não somente a gravidade da situação, mas principalmente, que medidas urgentes devem ser tomadas para se combater a evasão.

Além disso, o abandono acarreta dificuldades em seu retorno, como a constrangedora situação de defasagem idade-série, que influencia significativamente na decisão pela evasão definitiva da escola (SÉLIS, 2012).

No caso especial do Ensino Médio, observa-se ainda, grande desmotivação e indiferença dos alunos por essa modalidade de ensino, priorizando, principalmente, outros cursos e o trabalho. Nesse sentido, Barros et al (2008) afirmam que, se existe tal desinteresse, é fundamental que se conheçam seus determinantes. Ressaltam, também, que tal situação pode ser explicada devido à baixa qualidade da educação oferecida nas escolas, gerando um desinteresse geral da juventude em se educar. Portanto, “se a escola não oferece o que a juventude busca, seria razoável esperar certa perda de interesse” (BARROS, et al. 2008, p.155).

Os indicadores educacionais⁵ mostram que o Ensino Médio é a etapa em que as garantias de qualidade estão mais distantes da realidade e que os índices de evasão aumentam a cada ano.

Alguns pesquisadores, dentre eles Fernandes (2005), Queiroz (2011), Menezes (2011) e Dayrell (2007) apontam duas vertentes para as causas da evasão no ensino Médio: uma relacionada aos fatores extraescolares (de origem externa) e outra relacionada aos fatores intraescolares (de origem pedagógica).

Em relação aos fatores extraescolares, tem-se, por exemplo: gravidez precoce, condição socioeconômica, desestruturação familiar, trabalho, violência, drogas, desemprego, má alimentação, falta de motivação e políticas de governo.

Segundo Meksenas (1998), o fato de os alunos terem de trabalhar para seu sustento ou da família influencia significativamente na decisão de abandonar a escola, uma vez que a exaustão da maratona diária e a baixa qualidade do ensino

⁵ Os principais indicadores educacionais nacionais são:

- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), realizado pelo Ministério da Educação (MEC) através do Instituto de Estudos e Pesquisas em Educação (INEP).
- O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb);
- O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa);
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE);

os desmotivam, levando-os a desistirem de completar os estudos. Para o autor, o trabalho diminui muito as oportunidades das camadas populares, pois impedem que os alunos frequentem cursos complementares e de aperfeiçoamento, colocando-os em situação de desvantagem em relação aos alunos da classe dominante.

A família também é apontada como fator determinante do fracasso escolar. O não acompanhamento da vida escolar dos filhos bem como a falta de apoio e de transmissão de valores pelos pais exercem influência no abandono da escola. Percebe-se ainda que muitos pais só vão à escola quando a reprovação do filho está prestes a acontecer, culpando unicamente a escola por essa situação.

Outro fator que influencia significativamente na decisão de abandonar a escola é a gravidez precoce. Ao engravidar, as meninas são as mais prejudicadas, pois sofrem preconceito, discriminação e constrangimento além de, muitas vezes, não conseguirem retornar à escola por não terem com quem deixar os filhos.

Já os jovens do sexo masculino (quando assumem seus filhos), se vêm obrigados a trabalhar e, em alguns casos, exercem seu trabalho informalmente e com baixa remuneração, para ajudar nas despesas ou arcar totalmente com as do filho, o que dificulta e até mesmo inviabiliza a conciliação entre trabalho e escola. Isso sem contar que muitos desses adolescentes não possuem maturidade e estrutura suficientes para criar e educar um filho, comprometendo também a formação humana dessa criança.

Na realidade, essas e outras abordagens sobre os fatores extraescolares que levam o aluno à evasão/abandono, apontam o aluno ou o meio no qual está inserido como responsáveis por tal situação, eximindo a escola de responsabilidade.

É inegável que tais fatores, que em sua grande maioria constituem-se em falhas no cumprimento do papel do Estado ou da família, exercem imensa influência na decisão pela evasão do Ensino Médio, mas o que se levanta aqui é que os fatores intraescolares, de origem pedagógica, também influenciam na decisão do jovem de abandonar a escola.

Dentre os fatores intraescolares, destacam-se: currículo pouco atrativo e sem conexão com a realidade do aluno, carga horária extensiva, aulas tradicionais, professores desmotivados, despreparados e com baixa remuneração, sucessivas reprovações, práticas avaliativas ineficazes, ambiente escolar pouco estimulante, conteúdo enciclopedista, práticas pedagógicas ultrapassadas, distorção idade/série

e ensino fundamental deficitário. Vale ressaltar também a complexa, e muitas vezes, conflituosa relação entre alunos, professores, funcionários e pais, principalmente no que tange ao cumprimento ou transgressão de regras, que não deixam de influenciar no desempenho ou na evasão do aluno.

Apesar de todos os avanços dos últimos anos, as aulas continuam no mesmo formato tradicional que tinham no século XIX, com conteúdos fragmentados e descontextualizados, currículos extensos, alunos enfileirados, com o quadro e giz sendo os recursos didáticos mais utilizados (ou os únicos!). Nesse sentido, Carbonell (2002) afirma que os conteúdos, assim como as práticas escolares, mudaram pouco e que essas mudanças não significam, obrigatoriamente, melhoria ou inovação. Ademais, as escolas públicas oferecem um ensino desprovido de qualidade, condições físicas e material humano para um funcionamento adequado.

Charlot (2000) e Schwartzman (2010) afirmam que o Ensino Médio no Brasil é enciclopedista e que, por isso, os alunos não conseguem acompanhá-lo, havendo assim, uma necessidade de diversificação do conteúdo. Estes, por sua vez, são carentes de sentido, dificultando a compreensão dos assuntos abordados em sala devido à falta de conectividade com o cotidiano.

Muitas vezes, a sala de aula é vista como um local pouco estimulante, onde há pouca interação, caracterizada pelo silêncio, pela rigidez dos horários, pela privação da espontaneidade e os conteúdos são carentes de sentido, dificultando a compreensão dos assuntos abordados em sala devido à falta de conectividade com o cotidiano.

As sucessivas reprovações também contribuem para o desinteresse dos jovens e exercem grande influência na decisão de continuar ou não os estudos, principalmente por ocasionar a distorção idade-série. Na concepção de Azevedo (2011) a evasão e a repetência configuram-se como desafios às redes de ensino públicas brasileiras pelo fato de seus determinantes estarem ligadas a fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, mas ressalta que escola tem contribuído para o agravamento dessa situação, devido às práticas de ensino ultrapassadas.

O papel do professor de fato é fundamental e imprescindível na luta contra a evasão escolar. Porém, é inegável que hoje, no Brasil, as condições de trabalho vivenciadas por este profissional são cada vez piores, sem contar os baixos salários.

Há casos ainda de jovens que deixam de ir à escola porque apresentam um desempenho ruim, pois, desestimuladas por não conseguirem acompanhar os colegas, optam por abandonar a escola por vergonha ou para que não sejam retidas naquela série. O retorno, quando ocorre, torna-se um processo difícil, principalmente porque aquele aluno traz consigo lembranças frustrantes do ano anterior, além da dificuldade de inserção na nova turma. Tais fatores possivelmente geram nova evasão.

No extremo oposto, há casos de crianças que evadem ou abandonam os estudos por não se sentirem desafiadas e estimuladas pelo ensino ofertado, quer seja pelas práticas de ensino, ou pelos conteúdos que não fazem conexão com a realidade do aluno ou com o que ele almeja. Fernandes (2005) aponta também que o fracasso escolar pode se justificar através das práticas avaliativas existentes na escola, pois são excludentes e reforçam as diferenças entre as classes sociais.

De acordo com Carbonell (2002, p. 19), para estimular o aluno e contribuir para sua sólida formação é necessário a implementação de propostas inovadoras, pois elas “facilitam uma aprendizagem mais atraente, eficaz e bem-sucedida”. Tais propostas requerem, segundo o autor, uma série de intervenções em vários campos, exigindo “modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas”. Para tanto, é preciso criar novos caminhos para a organização dos tempos e dos espaços escolares, para o ensino e a aprendizagem e para a avaliação.

Os jovens de hoje vivem numa época de profundas, rápidas e confusas transformações, que influenciam significativamente sua passagem para a vida adulta. De acordo com relatório sobre a Situação da População Mundial 2014, divulgado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) das Nações Unidas (ONU), jamais existiram tantos jovens no mundo como hoje: 1,8 bilhão na faixa etária entre 10 e 24 anos, um número nunca antes alcançado e que cresce velozmente, principalmente em países mais pobres.

Em contrapartida, esses jovens requerem necessidades básicas, universais e específicas, que estão longe de serem atendidas, principalmente nesses países. Particularmente no Brasil, os jovens, especialmente os das classes menos favorecidas, vivem numa situação de vulnerabilidade social, marcada por altos índices de homicídios, violência das mais diversas formas, falta ou ineficácia de

políticas públicas, omissão e violação de seus direitos e integridade física e/ou psíquica, preconceito, exploração, envolvimento com drogas, dentre tantos outros⁶.

Diante desse quadro e sem o mínimo necessário para uma vida digna, muitos desses jovens adotam comportamentos violentos como forma de resposta às agressões e limitações de que são vítimas.

Além da violência, as desigualdades também são maiores dentre os mais pobres, algo que poderia ser amenizado se os jovens tivessem acesso a bens, serviços e espaços públicos de lazer e cultura. Frente às mudanças sociais que acontecem no mundo de hoje, a juventude se torna o segmento que mais sofre com a ausência e/ou ineficácia de ações do Estado.

Por outro lado, o jovem é infinitamente criativo e tem uma capacidade enorme de inovar e surpreender. Nesse sentido, fortalecer a participação social e política e o protagonismo juvenil são importantes ferramentas para superar as barreiras da desigualdade e formar cidadãos autônomos.

Nessa perspectiva, no que se refere à educação, promover um diálogo entre os conteúdos oferecidos nas escolas aplicados ao dia a dia do jovem, com a cultura que ele traz consigo, suas relações interpessoais, o acesso à informação e a preparação para o mundo do trabalho tem papel primordial. Ressalta-se, ao mesmo tempo, que é justamente a falta desse diálogo que favorece a evasão, pois a educação,

[...] por um lado permite aos jovens tomar consciência das oportunidades e possibilidades existentes na sociedade, mas, por outro, muitas vezes não lhes dá condições para aproveitá-las. O resultado é uma grande frustração, que desanima os jovens e os empurra ao abandono e à deserção escolar, especialmente aqueles provenientes dos estratos mais pobres e excluídos” (UNESCO, 2004, p. 33).

Porém, vale ressaltar que a educação pública no Brasil, historicamente, foi marcada por sucessivas e confusas reformas curriculares cujos resultados refletem hoje a crise do sistema. Embora se tenha conseguido avanços significativos nesse sentido, principalmente com a implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases da

⁶ Conforme o Mapa da Violência de 2014 (Os Jovens do Brasil), divulgado pelo Ministério da Justiça, as taxas de homicídio na população jovem passaram de 19,6 em 1980 para 57,6 em 2012 por 100 mil jovens, o que representa um aumento de 194,2%. Apenas em 2012, os jovens na faixa de 15 a 29 anos, foram alvo de 53,4% dos homicídios. Além disso, o número de homicídios cresceu 24, 2% entre 2000 e 2012.

Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/96), ainda hoje o ensino público é marcado por problemas que assolam o país, como a evasão, a repetência e a reprovação, além de escolas precárias, falta de recursos e baixos salários dos profissionais, dentre vários outros.

Além de prever a universalização e a democratização do acesso a um maior número de anos de escolaridade, a LDB (9394/96) incorpora o Ensino Médio à educação básica, tornando-o obrigatório e gratuito aos jovens de 14 a 17 anos. Portanto, como um dos níveis de ensino, deveria ofertar aos educandos uma educação de qualidade – o que está longe de acontecer.

Em 2013, governo federal sancionou a Lei nº 12.796/13 que modifica vários artigos da LDB (9394/96). A partir dela, o ensino passou a ser obrigatório dos 4 aos 17 anos, incluindo a Pré-escola, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Estabelece também o ano de 2016 como prazo final para a universalização. Para que este atendimento seja efetivo, é necessário garantir o acesso à educação de qualidade e atender as necessidades e expectativas dos jovens brasileiros.

Todas essas estratégias vão ao encontro com a Meta 3 do novo Plano Nacional da Educação Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 (PNE - 2011/2020), que propõe, dentre outros, a universalização do Ensino Médio até 2020 (15 a 17 anos), com taxa líquida de 85% de atendimento para essa faixa etária.

Visando reduzir as desigualdades educacionais e objetivando orientar a construção do currículo das escolas de Educação Básica nacional, tanto as públicas quanto as particulares, o Ministério da Educação (MEC) está elaborando a Base Nacional Comum Curricular (BNC)⁷. Pretende-se que esta seja uma ferramenta norteadora na formulação do projeto político-pedagógico das escolas, deixando claro quais os conhecimentos e habilidades essenciais devem ser ensinados a todos os estudantes brasileiros, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Com a base comum pretende-se cumprir a meta 7 do PNE, que é fomentar a qualidade da Educação Básica, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem. Acredita-se que, com a definição do que é fundamental ao ensino em cada etapa escolar, pais e responsáveis terão acesso de forma transparente àquilo que os

⁷ Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#!/site/conheca>. Acesso em 01/12/2015. A BNC pretende alterar a ordem e cronologia dos conteúdos e alterar as prioridades do ensino no Brasil. A proposta é que os conteúdos definidos na base ocupem cerca de 60% da carga horária dos estudantes, sendo que o restante do tempo ficará a cargo das redes de ensino definir o que ofertar, contemplando as especificidades regionais.

alunos deverão saber ao final de cada ano letivo, além de possibilitar aos professores identificar as deficiências e intervir nas mesmas de forma mais ágil e eficaz. A intenção é que a versão final do documento seja disponibilizada até dezembro de 2016.

Dentre as etapas da educação básica, o Ensino Médio foi o que mais se expandiu no Brasil, principalmente com relação ao crescimento do número de matrículas (MARUN, 2008). Contudo e apesar de toda a reforma educacional referente ao Ensino Médio nos últimos anos, percebe-se em sua trajetória, problemas graves ainda não solucionados, tornando-se desafios ao ensino público brasileiro. Dentre eles, destaca-se a evasão escolar, que atinge níveis muito elevados nessa etapa da educação básica.

De acordo com dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), mais de 1,6 milhão de estudantes de 4 a 17 anos que estavam matriculados nas escolas públicas e privadas em 2014, abandonaram as salas de aula em 2015. A maior parte desses jovens têm de 15 a 17 anos, aproximadamente 629,1 mil. Desse total, 108,2 mil cursava o Ensino Médio. Além disso, cerca de 1,7 milhão de jovens entre 15 e 24 anos não trabalham nem estudam e apenas 18% ingressam no ensino superior. Outro dado preocupante é que 45,7% dos jovens brasileiros não conseguem concluir o Ensino Médio até os 19 anos – 2 anos após a idade adequada.

Na visão de Young (2007), a escola só terá êxito se desenvolver no aluno a consciência da transformação, promovendo a igualdade social, por meio de um currículo que promova mudanças em sua percepção de mundo de tal forma que desperte nele a consciência da necessidade de intervenções em seu entorno.

Nesse sentido, evitar a evasão torna-se fundamental para o jovem, pois além de a educação ser um direito, o ensino pode levá-lo a superar as barreiras das desigualdades e formar cidadãos autônomos, com melhores chances de inserção no mercado de trabalho, livrando-o do sentimento de inferioridade, tão comum nas classes menos favorecidas.

Portanto, o Ensino Médio pode contribuir para que os jovens tenham gradativa consciência dos seus conhecimentos e possibilidades, desenvolvendo o senso crítico, a autonomia intelectual e de ação, tornando-os protagonistas da comunidade na qual se inserem.

A partir desse processo, o jovem passa a reconhecer-se como sujeito de direitos, descobrindo não apenas suas necessidades, demandas e expectativas, mas também, as de seus pares.

Para Mitrulis (2002), o jovem que possui apenas o ensino fundamental em sua formação possui poucas chances de inserção no mercado de trabalho, restando, a eles, as atividades braçais, que exigem pouco de sua capacidade intelectual e reduzidas possibilidades de melhorias.

Por outro lado, a escola também é um importante ambiente de socialização, um lugar de convivência, principalmente para os jovens que estão construindo sua identidade. Porém, essa socialização acontece, quase que exclusivamente, nos pátios, corredores, durante o recreio e nos raros momentos de convivência fora da sala de aula, pois, entre quatro paredes, são poucos os momentos em que esse processo é incentivado.

Assim sendo, ao abandonar a escola, o jovem reduz suas oportunidades de melhor inserção e participação na sociedade, seja em relação às atividades profissionais, no crescimento pessoal ou até mesmo cobrando para que seus direitos sejam resguardados. Em outras palavras, perde o direito de exercer a cidadania plena, reduzindo e/ou restringindo suas possibilidades futuras. Outro fato que merece ser destacado é que a evasão coloca o jovem em situação de vulnerabilidade social, sujeito à marginalidade, violências diversas e comportamento de risco.

Portanto, conhecer os fatores intraescolares que levaram os alunos a evadir, segundo a perspectiva deles próprios, torna-se importante para que toda comunidade escolar possa desenvolver estratégias que assegurem não somente a permanência desses jovens na escola, mas principalmente, garantam a qualidade da educação ofertada.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de campo foi desenvolvida nos meses de junho e julho de 2015 com onze alunos evadidos de uma Escola Estadual na cidade de Betim, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), escolhida por apresentar elevados

índices de evasão e por ser a instituição na qual a pesquisadora leciona a cerca de dez anos.

Buscou-se identificar, analisar e sistematizar as formas mediante as quais os jovens correlacionam fatores intraescolares e evasão do Ensino Médio, segundo a perspectiva dos próprios alunos.

A metodologia desta pesquisa incorporou a abordagem qualitativa descritiva, de caráter exploratório e, para interpretação e análise dos dados, os mesmos foram organizados em categorias e unidades de análise, segundo Oliveira (2012).

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, realizadas individual e pessoalmente, direcionadas aos onze jovens (oito do sexo masculino e três do sexo feminino, com faixa etária entre 17 e 22 anos) que abandonaram o Ensino Médio nessa escola nos anos de 2012, 2013 e 2014. Para garantir o anonimato dos entrevistados, adotou-se a nomeação A1 a A11 para referir aos alunos evadidos participantes da pesquisa.

Para melhor sistematização e análise das entrevistas, os dados obtidos foram organizados em cinco categorias, a saber: a categoria 1 (Atividade profissional e formação continuada) buscou apurar as experiências dos evadidos em relação às experiências profissionais e formação; a categoria 2 (Relação com a escola) investigou a trajetória escolar do aluno evadido, bem como sua percepção à respeito da escola e o que, na sua visão, precisa ser melhorado; já a categoria 3 (relação com a comunidade escolar) objetivou apurar o relacionamento do educando com os colegas e profissionais da escola; a categoria 4 (relação familiar) buscou conhecer o universo familiar no qual o jovem está inserido, além da escolaridade dos pais e a participação dos mesmos na vida escolar de seus filhos e na categoria 5 (caracterização da evasão) investigou-se o principal fator que levou o aluno a evadir-se da escola.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa bibliográfica indicou que são variados e complexos os fatores que favorecem a evasão e que, por conseguinte, torna-se um desafio para governo, escola, família e comunidade escolar em geral, vencê-la. Surpreendentemente, dos doze sujeitos evadidos contactados para participação na pesquisa, apenas um

apontou que o principal motivo de sua evasão foi extraescolar, revelando que os fatores intraescolares são os que mais pesaram na decisão em evadir-se do Ensino Médio, ou seja, o problema está na escola.

Segundo os jovens, a decisão em abandonar a escola partiu deles próprios e que não sofreram influência de ninguém para tal. A família, embora pouco participasse da vida escolar dos filhos, tentou, por meio de conversas, que indicavam a importância do ensino e as consequências para quem não o conclui, impedir que o filho evadisse.

Apesar de terem se arrependido de interromper os estudos, os jovens reconhecem a importância do Ensino Médio e a necessidade de concluí-lo, mas deixam claro que não sentem vontade de voltar para a escola, como comprova a fala do jovem abaixo:

Sinto necessidade de voltar a estudar, porque vontade eu tinha se voltasse toda aquela turma toda de novo aí ia ser bacana. Agora eu vejo como necessidade porque todo emprego tá pedindo pelo menos o ensino médio completo. (A11)

Alguns jovens, inclusive, tentaram retornar os estudos, nessa ou noutra escola, mas os mesmos motivos que o fizeram abandonar antes, os levaram a evadir novamente.

Dos 11 entrevistados, 08 estavam exercendo alguma atividade remunerada, mesmo que sem carteira assinada. Quando perguntados sobre qual profissão gostariam de ter ou seguir, os jovens tiveram muita dificuldade em responder, alguns chegaram a afirmar que nunca pensaram sobre o assunto ou que não sabem indicar algo que despertasse seu interesse, revelando falta de perspectiva de vida. Dentre os que estão trabalhando, nenhum fez qualquer curso de qualificação para a atividade desempenhada, além de não receber incentivo por parte da empresa para se capacitar.

Os jovens afirmaram que o principal motivo que os levou a abandonar o Ensino Médio foi: a reprovação (A2, A10 e A11), a baixa qualidade do ensino noturno em comparação com o diurno (A1), o *bullying* (A3), para evitar que fosse reprovado (A4), a falta de interesse pelo estudo (A5, A8 e A9), a rotina escolar (A6) e a burocracia da escola (A7).

Dos 11 entrevistados, 09 foram reprovados ao menos uma vez durante a trajetória escolar. Apenas os jovens A9 e A4 nunca foram retidos. Esse último, inclusive, abandonou o 3º ano do Ensino Médio quatro meses antes do término do ano letivo, pois acreditava que seria reprovado, devido às suas péssimas notas e dificuldade nos estudos. De acordo com o Anuário Brasileiro de Educação Básica (2014), as taxas de reprovação no Brasil são muito elevadas, chegando a atingir 9,1% dos alunos de Ensino Fundamental e 12,2% do Ensino Médio. O que se percebe, em muitos casos, é que a evasão escolar é consequência da reprovação.

A jovem A7 revela outro grave problema enfrentado dentro da escola: o excesso de regras burocráticas que culminaram na sua evasão. A aluna engravidou aos 15 anos, quando cursava o 1º ano do Ensino Médio. Conseguiu frequentar as aulas até o oitavo mês de gestação. Logo após o nascimento do filho, ainda durante a licença maternidade, ela quis voltar para a escola afim de não perder muitas aulas. Para tal, conversou com a direção da escola para que pudesse ser liberada antes do término da aula, para facilitar a amamentação. Porém, no momento em que a jovem estava passando por um turbilhão de medos e dificuldades com relação à maternidade prematura, a aceitação dos pais e o abandono do namorado e que, portanto precisava de apoio e tratamento diferenciado pela escola, o pedido foi negado. Essa inflexibilidade (e até mesmo falta de sensibilidade!) ferem o direito do exercício à cidadania, tonando a escola incapaz de promover o desenvolvimento integral do educando (Lei 9394/96).

Atitudes como essa, confirmam a visão e o sentimento dos jovens A5 e A6 em relação à escola, pois, para eles, a sala de aula parece uma prisão e a rotina escolar é chata, monótona, desinteressante e cansativa. Além disso, deixaram claro que a falta de significado e motivação pela escola influenciam significativamente na evasão, revelando a necessidade de métodos de ensino mais ativos e estimulantes, com ênfase na significação e aplicabilidade dos conteúdos, investimentos em infraestrutura da escola, aulas diversificadas, diminuição da carga horária e do formato tradicional da sala de aula, alterando o modelo de escola tradicional vigente.

Além disso, a realidade das salas de aula das escolas públicas brasileiras quase sempre vem acompanhada de um número muito elevado de alunos, com as mais variadas características, especificidades, nível de aprendizagem, grau de dificuldade e vivência. Isso dificulta e até inviabiliza que o professor possa realizar

um acompanhamento individualizado, que seja efetivamente capaz de proporcionar uma educação plena.

Em geral, os alunos afirmaram ter boa relação com os professores e associam a qualidade do ensino ao profissional comprometido, que explica bem, que se preocupa com eles e “pegam no pé”. Porém, gostar do professor não significa gostar do seu conteúdo. Apontaram também que a qualidade do ensino noturno é inferior ao do diurno, pelo fato de os alunos serem menos interessados, mas principalmente, pelos professores serem menos comprometidos.

Quando foram perguntados aos sujeitos o que eles mais gostavam e que sentiam falta na escola, todos responderam que era da relação e convívio com os colegas e alguns professores. Porém, estes momentos restringiam-se, na maioria das vezes, aos recreios e aulas de Educação Física. Além disso, os alunos afirmaram que os pais (ou responsáveis) frequentavam pouco à escola, que apenas compareciam quando era solicitada sua presença, geralmente por problemas de indisciplina ou notas e que, por isso, iam a contragosto. Portanto, oferecer momentos em que se promova o relacionamento com os pares e professores e ofereça um ambiente acolhedor, receptivo à família (que não seja apenas para ouvir reclamações do seu filho) torna a escola mais atraente, segundo esses jovens.

Constatou-se também que a sociabilidade das relações entre os pares é substancialmente importante para esses jovens e, que, embora muitas vezes a escola a ignore, ela pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e para o desenvolvimento local.

Por outro lado, a jovem A3 afirmou que tinha grande dificuldade para se relacionar e ser aceita dentro da escola. Sentia vergonha de participar durante as aulas, provocando queda no seu rendimento. Relatou, inclusive, que sofria *bullying*, sendo este o principal motivo do abandono. Percebe-se nos seus depoimentos, baixa autoestima e perda total do interesse pelo estudo. Infelizmente, a maioria das escolas não conta com apoio psicológico, que seria importantíssimo para o acompanhamento em casos como esse.

Os sujeitos mencionaram ter ótimas lembranças das poucas vezes que tiveram experiências extraclasse e ressaltaram que deveriam ter mais momentos fora da escola para que o ensino fosse mais interessante. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o espaço de aprendizagem não se restringe à

escola, fazendo-se necessário propor atividades que ocorram fora dela, de acordo com as possibilidades existentes em cada local e as necessidades de realização do trabalho escolar (BRASIL, 2000).

A pesquisa revelou, através das entrevistas realizadas com os jovens que abandonaram o Ensino Médio, que eles sentem necessidade de voltar a estudar exclusivamente pela utilidade do diploma, pois, segundo esses alunos, para uma melhor colocação no mercado de trabalho e possível inserção numa faculdade é preciso ter essa etapa da educação básica concluída.

Ao mesmo tempo, muitos jovens têm chegado ao Ensino Médio apresentando lacunas no processo de aprendizagem, sem estarem alfabetizados, letrados e sem conseguir realizar as operações matemáticas básicas, em virtude muitas vezes, de um Ensino Fundamental deficitário. Em virtude disso, muitos optam por evadir, uma vez que não conseguem acompanhar o restante dos colegas. Diante dessa realidade, a escola de nível médio não pode ignorar tal situação. Ao detectar essas dificuldades, toda a comunidade escolar deve se empenhar para tentar saná-las o mais rápido possível.

A realidade do Ensino Médio no Brasil é catastrófica e desafiadora, segundo dados do Ideb do ano de 2015. Segundo este indicador, o país está mal e vai se distanciando das metas fixadas: A meta estabelecida para 2015 era de 4,3, porém alcançou apenas 3,7, o mesmo patamar desde 2011. A situação é ainda mais crítica quando são analisados os resultados de matemática, que obteve o pior resultado desde 2005. Na última avaliação, referente a 2013, apenas 9% dos alunos apresentavam aprendizado considerado adequado na disciplina, número que leva em consideração as escolas públicas e privadas. Segundo os números de 2015, o percentual é menor, entre 8% e 9%. Em 1999, eram mais: 12%, ou seja, os jovens dessa etapa da educação básica sabem menos matemática hoje do que sabiam em 1999.

Não resta dúvida que há algo de muito errado no Ensino Médio como um todo. No modelo atual onde todos seguem o mesmo roteiro, cansativo, enfadonho, extenso e inflexível, sem levar em consideração as aptidões e interesses dos jovens e sem prepará-los efetivamente para os novos desafios que o mundo contemporâneo exige, são motivos bastante plausíveis para o desinteresse e conseqüente abandono.

Um projeto de lei (PL-6840/2013) que tramita desde 2013 na Câmara dos Deputados, prevê algumas reformulações para o Ensino Médio, dentre elas estão a reformulação do currículo e a ampliação da carga horária anual de 800 para 1400 horas (tempo integral). Espera-se que essas medidas sejam realmente eficazes e saiam do papel, pois não adianta criar programas ou leis mirabolantes, sem fundamentação, com caráter eleitoreiro e que prometam resolver todos os problemas gritantes do Ensino Médio através de um passe de mágica. Além disso, aumentar a carga horária e a consequente permanência do aluno na escola não significa, necessariamente, melhorar a qualidade do ensino ofertado. Pelo contrário, pode desmotivá-lo ainda mais e favorecer o abandono da escola.

Assim sendo, para tornar a escola um ambiente agradável, na qual os jovens sintam-se motivados a frequentá-la e possam, efetivamente, aprender com prazer faz-se necessário uma reestruturação do Ensino Médio, principalmente no tocante ao currículo e conteúdos, carga horária, disciplina e investimentos, para que este atenda as necessidades de formação pessoal, profissional e cidadã dos jovens. Segundo Libâneo (1985), é necessário articular ensino e realidade para que sejam atribuídos significados aos conteúdos e práticas pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a LDB, o Ensino Médio deve garantir as aprendizagens necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos, atitudes, práticas sociais e de trabalho. Isso significa que o jovem, ao se formar, poderá ingressar na vida adulta de forma digna seja qual for o caminho que quiser seguir.

Assim, apesar de acreditar que esta etapa de escolarização tenha grande importância para o futuro desses jovens, observa-se que a educação não tem sido suficiente para o desenvolvimento integral do educando, ou seja, para o seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, conforme preconiza a LDB em seu artigo 2º.

Entretanto, ao mesmo tempo em que a literatura corrobora com esses aspectos, também afirma que elas estão muito distantes de serem concretizadas pelos jovens nas escolas públicas brasileiras, levando um grande número de alunos a abandonarem o Ensino Médio.

A evasão escolar, especialmente nessa etapa da educação básica, limita o jovem em seus direitos e no exercício da cidadania, além de acarretar outros sérios problemas, colocando-os, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade social.

Por meio do levantamento bibliográfico realizado, constatou-se que são muitos os fatores que podem influenciar na decisão pelo abandono da escola e que, ao mesmo tempo, requerem atenção e soluções urgentes.

Para esses jovens, a reprovação, a baixa qualidade do ensino noturno, o *bullyng*, a falta de interesse pelo ensino, a burocracia da escola, a rotina e a dinâmica escolar constituem os principais motivos do abandono. Além disso, reconhecem que a convivência e o relacionamento, principalmente com os pares, como os melhores momentos vivenciados por eles na escola, apesar de não serem estimulados e valorizados.

Ao mesmo tempo, ficou evidente também que medidas urgentes e estruturais precisam ser tomadas, começando pelos currículos prescritos e implementados, o formato tradicional do ensino, a estrutura institucional, administrativa e física da escola, perpassando também pela necessidade da qualificação permanente e a valorização dos professores, de maiores investimentos financeiros e contratação de profissionais qualificados, valorização e ampliação dos momentos de socialização, de aulas diversificadas, atrativas e que permita ao jovem perceber utilidade dos conhecimentos apreendido com o mundo fora da escola. Tais aspectos precisam ser superados para que se efetive, verdadeiramente, uma educação de qualidade, que prepare o jovem para o exercício da cidadania plena.

A pesquisa mostrou ainda que, nos moldes como o Ensino Médio se apresenta hoje nas escolas públicas brasileiras, a perda da motivação, de interesse e da credibilidade do ensino é justificável, favorecendo não somente a evasão, mas, sobretudo a ampliação das desigualdades e a redução da participação social e das possibilidades futuras desses jovens.

Nesse sentido, investigar como os aspectos intraescolares são percebidos pelos alunos como motivos para se evadirem da escola pode constituir um caminho para diminuir a evasão escolar e potencializar o desenvolvimento local.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Francisca Vera Martins de. **Causas e consequências da evasão escolar no ensino de jovens e adultos na escola municipal “Expedito Alves”**. 2011. Disponível em: http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a4_v2/... Acesso em: 13/06/2014

BARROS, R. P; MENDONÇA, R. Seminário. A crise de audiência do Ensino Médio. **Abandono e Evasão escolar no Ensino Médio no Brasil: magnitude e tendências**. Instituto Unibanco. São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2013/07/revista_a_crise_do_ensino_medio.pdf. Acesso em: 13/06/2014.

BRASIL. LEI N° 13.005 de 25 de junho de 2014. **Plano Nacional de Educação**. Brasil. 2014.

_____. LEI N° 12.796 de 04 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasil. 2013.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. São Paulo: Ed. Brasil, 1996.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2011**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>. Acesso em 26/06/2014.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2012**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>. Acesso em 26/06/2014.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar**. A mudança na escola. Porto Alegre: Artmed, 2002 (coleção Inovação pedagógica). Cap. 1: A Inovação educativa hoje, p.14-40.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DAYRELL, J. T. **A escola faz juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 20/08/2014.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. **Fracasso escolar e escola em ciclos: tecendo relações históricas, políticas e sociais**. Anais da 28ª Reunião da ANPED, 2005.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). **Relatório sobre a Situação da População Mundial 2014**. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/swop2014.pdf>. Acesso em 01/09/2014.

KLEIN, Ruben. Seminário. **A crise de audiência no ensino médio**. A falta de participação dos jovens no ensino médio. Instituto Unibanco. São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2013/07/revista_a_crise_do_ensino_medio.pdf. Acesso em: 13/06/2014.

MARUN, Dulcinéia Janúncio. **Evasão escolar no ensino médio**: um estudo sobre trajetórias escolares acidentadas. 2008, 175 p. Dissertação de Mestrado (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6083. Acesso em: 05/09/2014.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da educação**: Uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MENESES, José Décio. **A Problemática da Evasão Escolar e as Dificuldades da Escolarização**. 2011. Disponível em: <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/a-problematICA-da-evasao-escolar...da-escolarizacao-2761092.html>. Acesso em: 03/06/2014.

MITRULIS, E. **Ensaio de inovação no ensino médio**. Cadernos de Pesquisa, n, 116, jul. 2002.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Relatório Anual – 2012. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=3742>. Acesso em 03/06/2014.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. **Um estudo sobre a evasão escolar**: para se pensar na inclusão escolar. 2011. Disponível em: <http://www.educacao.go.gov.br/imprensa/documentos/arquivos/15...> Acesso em 03/06/2014.

SÉLIS, Plínio Sabino. **Causas da Evasão Escolar no Ensino Médio de Araguaína/To Numa Perspectiva Sociológica**: Operação Resgate. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III Sidis). Dilemas E Desafios Na Contemporaneidade. Disponível em: http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/selis_plinio_sabino.pdf. Acesso em: 02/06/2014.

SHWARTZMAN, Simon. **A questão da diversidade do ensino médio**. Seminário. Como aumentar a audiência no Ensino Médio, novembro de 2010. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/divmedio.pdf>. Acesso em: 02/06/2014.

UNESCO. **Políticas de/para/com Juventudes**. Brasília, DF: UNESCO, 2004.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n101/a0228101.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

Artigo recebido em: 29/09/2016.

Aprovado em: 08/12/2016.